

Organizado por:  
Márcio Aragão

# IMAGINATIO VOL. II:

Textos com Tema Livre



# **IMAGINATIO Vol. II**

**Textos com Tema Livre**

**Organizador: Márcio Aragão**

**capa**

Márcio Aragão

**revisão de texto**

Márcio Aragão

**diagramação**

Márcio Aragão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Imaginatio vol II [livro eletrônico] : textos com  
tema livre / organização Márcio Aragão. --  
Fortaleza, CE : Criativante, 2024.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-985557-1-9

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Poesia  
brasileira - Coletâneas I. Aragão, Márcio.

24-245192

CDD-B869

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados aos respectivos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou copiada por quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito do(a) respectivo(a)s autor(a)s.

Esta obra foi idealizada para ter distribuição GRATUITA em formato digital (PDF). Venda e/ou distribuição em qualquer outro formato são proibidas.

## SUMÁRIO

A Aposta - por Ricardo Pegorini.....	7
A Falta que faz uma cabeça- por Ricardo Pegorini.....	9
As Canções de Aedo - por Ricardo Pegorini.....	13
O Homem que virou fumaça - por Ricardo Pegorini.....	20
Canto dos Sinônimos – por Rob Alme.....	25
Tristeza - por Rob Alme.....	28

# Nota do Organizador

Olá a você! Antes de mais nada, quero dizer que sou muito grato pelo seu interesse em nosso trabalho! Os autores e autoras aqui presentes foram escolhidos visando o nosso maior objetivo: disponibilizar-lhe textos de qualidade para que tenha um excelente entretenimento! Espero que você também vivencie os momentos únicos e gratificantes que eu vivenciei ao ler estes textos pela primeira vez (e em escrever também, afinal também tenho um poema aqui no livro!). Tenha uma excelente leitura!

Márcio Aragão

Escrever é a maior das liberdades e a melhor das viagens!

*Márcio Aragão*

# **Apresentamos o microconto:**

A Aposta  
por

Ricardo Pegorini

Ricardo Lisboa Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 8/12/1961, foi finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural GuapoRock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva".

*Sobre como a mente das pessoas que habitam este planeta, que era um mundo nosso de antigamente, calmo e sereno, foi envenenada por um tempo cheio de ódio, guerras inúteis, fome e dor.*

A velha geme um suspiro final, torce o corpo sobre o estômago e cai no chão.

- Ganhei!

- Mas não é que a desgraçada caiu para a esquerda?

- Paga e não chora!

O outro enfia a mão no bolso, revira-o por alguns instantes e traz de lá um chumaço de notas amassadas. Esmaga-as contrariado na mão aberta do irmão, praguendo mentalmente. Livre da dívida, caminha até o gramado do pátio e chuta o corpo da avó. Esta ainda se retorce no tapete verde, melecado de terra e sangue. Grama. A dentadura quebrada na trilha de lajotas. Campainha. Latidos. O mais moço sobe numa árvore. No galho mais alto ele amarra o revólver. Ele pula. A porta abre. Vizinhos.



# **Apresentamos o conto:**

## A Falta que faz uma cabeça por

Ricardo Pegorini

Ricardo Lisboa Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 08/12/1961, foi finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural GuapoRock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva".

*Quanto tempo sobrevive uma cabeça depois de separada do corpo?*

Para falar a verdade, nem dói. Ouve-se lá em cima o deslize acelerado da lâmina, raspando nas laterais da guilhotina, despencando no pescoço. Em seguida, o baque pesado na velha carcaça de madeira faz o mundo tremer. A cabeça voa no ar e avista, num instante extremamente fugaz, a multidão extasiada respirando fundo, as bocas escancarando-se num assombro silencioso. O tempo congela nesse instante. É aqui que a mente, ainda consciente, registra que está morrendo.

Acho que ainda consigo piscar os olhos. Também consigo mexer a língua encostando-a no céu da boca. Um sabor indefinido invade o que restou da garganta, algo misturado de água salobra e sangue. Ouço bem os sons à minha volta, embora não os decodifique com nitidez. Gritos, gargalhadas, algazarra, tossidas, gemidos, mugidos, latidos. Um rumor rosnado do mundo penetrando as trevas profundas emoldura o mundo sensível em volta do cadafalso. A eternidade aproxima-se acompanhada de uma tremenda confusão mental, pois não bastasse o alarido ensurdecedor do ambiente, as sinapses vindas dos pés e mãos ausentes continuam chegando. Até cólicas parecem ter voltado, depois de anos sumidas, mas tudo que consigo enxergar agora são os desenhos trançados dos feixes de palha no cesto de vime. Sinto que alguém me puxa lá de dentro pelos cabelos e chacoalha minha cabeça na frente da

multidão gritando meu nome e meus supostos crimes, ressaltando várias vezes o crime de traição ao movimento revolucionário. É quando consigo distinguir cabeças conhecidas entre as pessoas da primeira fila. Minha família.

Resta resgatar, nesses últimos instantes de consciência, a razão de François Galimbert ter chegado ao derradeiro movimento de suas ações na terra, depositando — contrariadamente, é verdade —, a cabeça num cesto de vime sem a honrosa companhia do resto de seu corpo.

A fome.

Ah, a fome transforma as pessoas. Desmancha os laços que as conservam tolerantes; corrói as sutilezas que as fazem sentimentais, sofisticadas e hipócritas; extermina a indulgência e impulsiona a motivação para uma ação de extrema urgência defensiva. Lembro da fome que empurrou a população da aldeia à revolta como um aríete e lá estava eu, em companhia dos irmãos, empunhando a bandeira da minha paixão e da minha certeza naquele ideal. Invadimos a indiferença dos abastados, demolimos os muros da Bastilha e declaramos os direitos da humanidade em praça pública. Foram momentos de vitória esplendorosa, estupenda conquista da Assembleia e da alma libertária da população.

Mas as famílias e os amigos dividiram-se nas certezas, e o que era absoluto para uns tornou-se relativo para os outros. Convicções

fundamentadas rebaixaram-se para paixões inquestionáveis; a fraternidade crítica converteu-se em partidarismo cego e obediente; e a possibilidade de um diálogo construtivo derreteu ante o monólogo imperturbável do fundamentalismo. Chegamos à Fase do Terror. O que separa as cabeças dos corpos, os irmãos da família e os amigos da amizade. Personifica a incapacidade de praticar empatia, alimenta-se do fracasso na tentativa de reconhecer o que nos falta pela voz do semelhante e a incompetência de produzir solidariamente algo que realmente enfrente o verdadeiro problema. Qual era mesmo o problema?

Ah, a Fome.

Aqui estou eu, dentro de uma cesta de vime, sem a companhia de meus amigos e de meus irmãos, sem minha família, sem minha aldeia e sem minha cabeça.

E ainda tenho fome.

# **Apresentamos o conto:**

## As Canções de Aedo

por

## Ricardo Pegorini

Ricardo Lisboa Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 08/12/1961, foi finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural GuapoRock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva".

Meu nome é Aedo, e creio ser o último dos trovadores, pois há anos não ouço falar de mais nenhum colega em atividade nas aventuras de andarilho. Venho de um tempo em que as montanhas dormiam nas entranhas do mundo, em que os pássaros ainda não haviam aprendido a piar, e de quando o caminho do Homem ainda não riscava a relva virgem em que eu pisava. Sou tão velho quanto a confusão dos ruídos da mata, que começavam a se organizar para parir algo que depois chamaríamos de música. Vi tudo isso nascer, crescer, gerar aldeias, tribos, povos e nações, desentendimentos, guerras e extinções, pois a estrada da minha vida começa no princípio das eras antigas, no presente dos que já foram esquecidos.

Foi a Música quem me salvou da desistência da ética quando perdi a visão durante uma chuva de meteoritos e seus misteriosos gases venenosos. Aprendi a cantar minhas experiências por indução, pela teimosia e pela compaixão da natureza, que se apiedou da desgraça de um indigente do destino. E lá me fui, por terras tortas, tateando no vazio das almas e na esperança do encontro. Minha fé me empurra para uma cidade mítica, cujo nome ainda preciso descobrir – e espero fazê-lo antes que perca o andamento. Lá, preciso cumprir o final de minha missão neste plano da existência: cantar minha última canção para os Deuses, que aguardam, já impacientes, o término desse ciclo de devoção.

Numa aldeia perdida nas montanhas, cheguei e fui imediatamente amparado pelas mãos dos subúrbios, atentas às

mudanças que os esquisitos sempre trazem. E, antes que pudesse contar qualquer coisa a elas, avisaram-me que ali a noite tinha se despedido das estrelas. A cidade não conhecia os astros brilhantes desde que os heróis locais, revoltados em busca de justiça pelas suas crianças natimortas, tinham desafiado os desígnios da incerteza. Lembrei-me de uma lenda sobre os guardiões dos céus e do destino da humanidade, e cantei naquela noite, na praça da cidade, a Canção da Profecia, que previa o final dos tempos quando as estrelas parassem de brilhar. No meio da canção, senti na epiderme as flutuações das ondas confusas das mentes e dos corpos dos habitantes, assustados com o péssimo presságio que eu trazia. Amavelmente, interromperam a canção, deram-me água, mantimentos, novas roupas e me indicaram outra trilha para a saída dos seus corações, envergonhados por desacolher um pobre cego andarilho e entregá-lo novamente a um destino indecifrável. Os anos que acumulei foram suficientes para interpretar, mais uma vez, que nunca estamos preparados convenientemente para a rendição que a vida exige. E continuei minha andança.

Senti o cheiro do mar na terceira noite, e para lá me dirigi, sabendo que no mar os homens encontram alimento, energia, temperança e boa-fé. Albergado pelos pescadores, pude dar a eles o conhecimento da Canção de Jeremias, que se apaixonou por uma sereia e com ela inventou uma dança com a qual fazia o mar obedecer às suas vontades, por mais loucas que fossem. Meus

ouvidos captaram espertamente o espanto e a modéstia dos ouvintes deslumbrados, que não me deixaram pausar enquanto não lhes revelasse o que mais poderia acontecer para um casal tão extraordinário. Certamente, na esperança de transformarem suas próprias vidas em algo mais determinado que a miséria de suas orações. Cantei o final da história em versos Alexandrinos, carregados de intervalos e rimas adocicadas, mas não consegui dissipar o temor que instalei entre seus sentimentos marinhos. Tive que delatar a saudade da sereia, que a arrastou de volta para o fundo do oceano e aprisionou Jeremias em uma nostalgia infinita. Não pude esconder que, ainda hoje, ele dança todos os dias na beira da praia, cada dia uma nova dança, na esperança de trazer sua amada de volta. Embora essa canção seja muito triste, trouxe ao pessoal da beira-mar um cadinho de mistério e de fé nas ondas do mar que nunca havia germinado até então, cativos de tanta humildade e complacência que eram os habitantes dessa aldeia.

Do mar, não sei como, talvez impulsionado pela força da vontade alheia, cheguei rapidamente ao Deserto dos Ventos Violentos na terceira noite de caminhada. Continua sendo, desde a última vez que passei aqui, uma paragem-oásis de tribos nômades, transeuntes das areias ferventes do esquecimento. Para eles, pude cantar a antiga Lenda dos Dois Deuses, da Tempestade e do Trovão, que percorriam a noite dos séculos guerreando, rajadas trocadas e trançadas num caleidoscópio sonoro e visual, relampejando na



efervescência do deserto. Por milênios, os ventos de norte e sul batalharam animadamente até que um jovem mortal descobriu uma canção encantada capaz de domá-los e convertê-los em suaves brisas, que acariciavam as tulipas negras dos oásis. Mas o problema do ser mortal é que ele não dura para sempre. E assim que a velhice e as doenças do espírito conduziram o bardo ao seu descanso eterno, a canção se perdeu. Egoísta que era, como todos os mortais sem exceção, nunca se preocupou em deixar um herdeiro de suas competências.

O conhecimento, portanto, é um dos fios que conduzem o primata da condição de antropeide para humano. O outro é o senso de bondade. E desses dois condutores temos adoradores espalhados nas posições mais importantes e cobiçadas das aglomerações mundanas, prova da irrefutável capacidade de criar, desde sempre, tanto rotas de fraternidade quanto de extermínio da nossa espécie. Foi para o Rei Raja-Vidya que pude aprofundar a Canção sobre o Sábio que Desejava Dominar Todo o Conhecimento do Planeta e, em sua busca inesgotável, encontrou, nas terras do gelo eterno, Tianlung, o dragão que continha todos os segredos do universo. Tão grande era a ambição do sábio que ele acabou por oferecer a Tianlung a sua própria alma em troca do saber absoluto. Conseguiu o que quis: o dragão lhe conferiu a carga de sapiência pretendida. Mas o fardo dessa propriedade cobrou caro por suas responsabilidades conexas e o sábio começou a envelhecer um ano a

cada mês. O desespero invadiu a rotina e ajudou a consumir ainda mais rapidamente as suas forças, também, pelo pavor de morrer rico de entendimento, mas pobre de experiências. Num fulgor de impavidez, suplicou ao dragão que lhe investisse da ignorância novamente. Então, tive que parar de cantar. Raja me perguntou avidamente como terminava a história, mas fui obrigado pela honestidade a confessar que não sabia como a canção terminava, pois não invento as histórias de minhas músicas. Só o que pude fazer foi consolá-lo com a verdade irrefragável da consciência: a ignorância abençoa quem não está preparado para o conhecimento.

Continuei a marcha por mais alguns anos até sentir o cheiro estranho de uma doce alfazema e sussurros voejantes pairando e bailando em volta dos meus cabelos. Naquele momento, paralisado pela compreensão adquirida por séculos de perambulação, caiu-me a certeza: cheguei à almejada cidade, onde completaria o ciclo da minha missão terrena. Não seria necessário nomear o lugar: ali percebi a verdade dele já impressa no meu coração desde que nasci e, enfim, teria a oportunidade de prestar contas do meu repertório aos Seres que pilotaram silenciosamente meu talento por tantos palcos e calendários. O cansaço de toda uma vida finalmente se impõe, e percebo, maravilhado com a poética do verso final, a presença invisível de todos os reis, magos, sábios, guerreiros e camponeses, de quem consegui enlevar a rude existência com o poder contido em cada melodia dos indivíduos que conheci e que transformei. Por

fim, compreendi em sua plenitude o que a alma já sabe desde o princípio de tudo: cantar é conversar com os Deuses.

# **Apresentamos o conto:**

## O Homem que virou fumaça

por

Ricardo Pegorini

Ricardo Lisboa Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 8/12/1961, foi finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural GuapoRock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva".

Procuraram Antônio por três dias antes de abandonar a salvação dos restos mortais, pois já tinham desistido de salvar sua alma há muito tempo. Foi numa noite de lua cheia que ele bateu as cinzas do cigarro no copo de cerveja vazio, levantou-se da mesa na frente do bar, percorreu a pracinha em direção à igreja e sumiu na fumaça laranja que teimava em vadiar nos céus da cidade desde os últimos três outonos. Num primeiro momento, Zé Daniel e Virgulinha olharam distraídos a dissipação daquele homem enorme no ar denso e não se deram conta de que ele não chegou ao canteiro da estátua do ex-prefeito Percival. Rosinha estava fechando a loja naquela hora e também estranhou a misteriosa enganação que os sentidos lhe aplicavam. Logo ao direcionar os grandes olhos verdes para a praça, percebeu a fumaça envolvendo Antônio e dissolvendo rapidamente um metro e noventa e seis centímetros de carne, osso, pele e insanidade em estado bruto. Num instante. Ela nem tinha terminado de piscar, enquanto guardava as chaves da loja, e o homem já tinha sumido.

Ninguém entendeu o que houve. Chamaram a polícia, que mediu pacientemente as distâncias, varreu a pracinha em busca de indícios, interrogou o dono do bar e os bêbados e ainda interpelou Rosinha e quem quer que estivesse por perto naquele horário vampiresco da madrugada. Não encontraram nem os sapatos de Antônio nem sua história, nem suas roupas nem seus documentos, nem suas sinceras incertezas derramadas momentos antes nos

ouvidos de Virgulinha, nem suas lágrimas cristalizadas na saudade dos filhos. Foi-se.

Alguém deu ideia de cavar a praça, quem sabe caiu num buraco? Veio a prefeitura, com suas máquinas de aço paquidérmico, mas sem formulários preenchidos. Eis o caminho da inutilidade porque, meu amigo, o que é o mundo sem formulário preenchido, não é mesmo? Serve pra nada. Então, nada de Antônio foi encontrado nesse segundo dia de intensa ausência operativa. Canseira nos olhos e garganta secando, algo de preguiça tomando conta da vontade, reclamando por ar fresco. Todos na cidade já estão um tanto enjoados pela dúvida, nem esburacar a pracinha resolvia o desaparecimento.

Veio correndo a Companhia Bananeira, interessada nos buracos da praça. Ofereceu à cidade ajuda em troca de braços e pernas nas suas *plantations*, obras e capatazia. Coletaram terra dos buracos, analisaram, enviaram à matriz da Europa, adicionaram uma tal de mesóclise e a tal de próclise nas amostras linguais e mentiram o que puderam. Mas na verdade o solo é infértil e insosso, lavado de miséria e indecente de tanta mediocridade. Foram embora e não pagaram os jagunços nem os come-bosta que ficaram esperando ordens que nunca vieram. Assim, nessa enigmática fantasia de cidade pequena realista, passaram outros outonos que nos trazem até agora, momento em que a fumaça ainda não devolveu Antônio.

Outro convenceu uma plateia ansiosa pela fé que a sua particular forma de oração seria o único antídoto contra o que não é da terra. Que Antônio só poderia ser alcançado pelo caminho da infinita confiança e que tudo tem um preço certo de sacrifício. Os cidadãos, então, perdidos num encantamento apaixonado e acorrentado pela fidelidade cega, deram, com máximo prazer, sua pouca e única abastança àquele que se dizia incorporar a Divindade de seus corações. E eles oraram, oraram e oraram o tempo inteiro. Mas passou mais uma estação, Antônio não apareceu e o pastor, quem sabe por conta do destino, continuou cada vez mais rico.

Então, finalmente, depois de enganados, embananados, defumados e pobres, resolveram culpar a fumaça. Isso também porque não tinham mais dinheiro nem paciência até para culpar devaneio. Que, ademais, nem tinha nada a ver com isso. Atravessaram o rio e falaram com os homens que queimavam o mundo, ainda que deles ficassem burros de tanto medo. As pernas não obedeciam e queriam fugir antes do tempo de pedir ajuda aos mascarados, tocha na mão, na beira da queimada. Apesar de quase travados de pavor, seguiram adiante e, com uma ousadia que não sabiam de que país vinha, perguntaram onde diabos podia estar nascendo tanta fumaça porque eles queriam ir até ela e espancá-la até a morte ou que a infame lhes entregasse Antônio. Assim foi que deles nunca mais se ouviu falar, que dizem também terem sumido na fumaça da estrada, que estava braba já com eles de tanto ouvir

fofoca no acostamento da rodovia e também porque eram poucos e desunidos.

Sim, também não era a fumaça a culpada.



# **Apresentamos o poema:**

## Canto dos Sinônimos por

Rob Alme

Roberleide de Almeida Gonçalves (Rob Alme), nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

Sou um bichinho social  
Que -às vezes-e esquece das próprias essências  
Houve um tempo que passei a ser fã dos meus escombros  
À margem do que restava de mim  
Um mundo sem risos.  
Agora, não mais...  
Minha casa é a minha verdade que irradia  
Um pedaço de estrela quebrada no céu, conserto...Pura ousadia.  
A vida me mostrou você  
Uma nova vida que reluz diante do querer  
Não quero mais uma verdade inventada  
Nem a furtiva tentativa de estranhar o toque  
Quero habitar no(teu) abraço  
Hoje, um desejo surge rendido  
À sedução do meu encanto  
Que se abre em um rasgado sorriso  
Agora, o chão que piso é feito das escolhas certas  
A me redimir de um imenso cansaço.  
Quem mais poderá enxergar-me melhor  
“Saber-me de cor”?  
Senão a essência que compõe meu próprio caminhar: a coragem...  
Agora, vislumbro sóis de maio a subir ao Leste  
Com rumores de manhãs primeiras  
Puro desejo que em mim guardava  
Escorre o mundo pela planta dos meus pés

Desnudando a desimportância das coisas

Toda trémula:

As mãos

Os olhos

A voz

As lágrimas a atravessar o silêncio

Chega a noite...

Nesse instante nossas almas se tocam

É saudade...

Vontade...

O que me resta é guardar o tempo

É verdade o que escrevo neste momento

A saudade, antes, pesava menos que agora...

Fui deixando o sol me invadir de mansinho

E um olhar tranquilo e sorridente brilhou no meu íntimo...

Há tanta solidão aliciada e exilada em um naipe de vontades tantas...

Há em mim uma linguagem expressada para lá do canto dos

sinónimos

O meu sincero desejo: você.

# **Apresentamos o poema:**

## Tristeza por

Rob Alme

Roberleide de Almeida Gonçalves (Rob Alme), nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

Tristeza

Tristeza pura no olhar  
Pelo abismo que há  
Pelas diferenças de cá  
Meros cavalos marinhos a passear.

Quando começar a corrida.  
Vida linha de puxa estica  
Vai e volta, revolta e fica  
Estão todos no ponto de partida.

Muitas vezes, um espanto  
Sem sair do canto  
E para ser franco  
Com um lamento, um pranto

De sede, de fome  
De “Chiquinhos” sem sobrenome  
Que vive do nada, nem come  
E o Betinho de Souza que homem!

Casa sem teto nada de esmero  
Prato na mesa vazio não quero  
Papel na mão isso só, não tolero  
Povo carente, doente, cadê “fome Zero”?

A vida vai esvaída a vida  
Às vezes, paixão sinaliza,  
Noutras, sem nenhuma razão, nem avisa  
A vida é áspera, difícil, não alisa  
Nem vento elísios, nem brisa

Amassa a massa embola  
Chute a gol a bola rola  
Maquiagem que não retoca  
Coelho assustado entoca

Vida laço, nó armadilha  
Lá vai um sem sapato, dois de sapatilha  
Alguém aqui a escrever na maior redondilha  
Comida a mesa, barriga cheia, olho que brilha.

Este *e-book* é uma produção da editora Criativante. Para saber mais a respeito do nosso trabalho, por gentileza acesse o nosso site [www.criativante.com.br](http://www.criativante.com.br), ou o nosso instagram: @criativanteeditora

Quer entrar em contato conosco para enviar seu conto, poema, livro, ou mesmo para obter maiores informações? Nosso e-mail é [contatocriativante@gmail.com](mailto:contatocriativante@gmail.com) . Espero que tenha apreciado a leitura deste livro! Até a próxima!

Atenciosamente,

Márcio Aragão  
Editor-Chefe  
Criativante